

DEBATE



USO DE PREPOSIÇÕES POR ALUNOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS

The usage of prepositions by deaf university students

Aline Lemos Pizzio*

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSC. Mestre em Lingüística pela UFSC. Graduada em Fonoaudiologia pelo IMEC e em Letras Português/Inglês pela PUCRS. Trabalhou no Serviço de Fonoaudiologia de Porto Alegre, durante 3 anos, atuando com fonoterapia para crianças surdas. Trabalhou, também, na Escola Municipal de Educação Especial para Surdos (EMEES), no município de Gravataí, por 2 anos, fazendo acompanhamento fonoaudiológico de crianças e adolescentes surdos, bem como orientações aos seus familiares. Publicou vários trabalhos na área de aquisição da LIBRAS. Participou da equipe de desenvolvimento do material pedagógico das disciplinas de Língua de Sinais do curso de Licenciatura em Letras/LIBRAS, oferecido pela UFSC, na modalidade à distância. Atualmente, atua nesse curso como professora das disciplinas de Língua Brasileira de Sinais, Aquisição da Linguagem e Ensino de Língua Materna. Sua pesquisa de doutorado está relacionada à morfologia da Língua Brasileira de Sinais e é intitulada "A tipologia lingüística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem as classes de palavras".

E-mail: alinelemospizzio@gmail.com

Material recebido em setembro de 2008 e selecionado em outubro de 2008.

RESUMO

O uso de preposições em português por indivíduos surdos é bastante problemático, visto que na língua de sinais não há preposições nem artigos e estes muitas vezes são usados de forma combinada no português. Além disso, a língua portuguesa geralmente é ensinada aos surdos como língua materna, o que também colabora para as dificuldades apresentadas por eles. Este artigo tem como objetivo evidenciar algumas dificuldades comuns encontradas no uso de preposições pelos surdos, com a intenção de identificar fatores lingüísticos implicados no funcionamento dessas preposições. Para tal, foi aplicado um teste em que universitários surdos deveriam completar sentenças escolhendo, dentro de um conjunto de preposições, aquela adequada para

cada contexto. Na sua maioria, os informantes tiveram um desempenho pouco satisfatório, considerando que se tratava de informantes cursando ensino de nível superior. Isso é um indicativo de que a classe gramatical das preposições é complexa para falantes de segunda língua.

Palavras-Chave: Uso de preposições. Ensino de português para surdos.

ABSTRACT

The usage of prepositions in Portuguese by deaf people is quite problematic, since in the sign language no prepositions or articles are found, while they are often used in combination in Portuguese. Moreover, the Portuguese language is usually taught to the deaf as a first language, which also increases the

difficulties presented. This article aims to highlight some common difficulties in the usage of prepositions by the deaf, trying to identify linguistic factors involved in the usage of such words. A test was applied to deaf undergraduate students in which they should complete some sentences by choosing, within a range of prepositions, one for each appropriate context. Most of them had an unsatisfactory performance, considering that they are undergraduate students. This is an indication that the grammatical class of prepositions is complex for second-language speakers

Keywords: Preposition usage. The teaching of prepositions to deaf people.

INTRODUÇÃO

O ensino de português para alunos surdos tem sido muito discutido entre os educadores e pesquisadores ligados

à área da educação de surdos. Um dos aspectos fortemente evidenciados nessas discussões é o fato de que, por ser a língua de sinais a língua natural desses indivíduos, o português deve ser encarado como uma segunda língua, portanto, deve merecer um tratamento diferenciado do ensino de língua materna. Entretanto, não é isso que acontece na maioria dos casos, principalmente se o aluno surdo estiver em uma escola regular juntamente com alunos ouvintes, pois, nesse caso, o português costuma ser visto como língua materna.

Sabe-se que todo aluno, ao escrever em uma segunda língua, tende a utilizar a estrutura da língua materna, especialmente quando está aprendendo a segunda língua. Isso também acontece com alunos surdos. Como na língua de sinais não há preposições¹ nem artigos, os surdos têm dificuldades em utilizar adequadamente esses elementos, que muitas vezes são empregados de forma combinada no português.

Essa problemática nos motivou a averiguar como os alunos surdos universitários empregam as preposições em português. Foi então realizado um teste (cf. anexo) em que os alunos deveriam completar sentenças escolhendo, dentro de um conjunto de preposições, a adequada para cada contexto. Algumas delas foram apresentadas na sua forma combinada com artigos, pois esse caso gera muitos equívocos entre os surdos. O teste foi aplicado a estudantes de um dos pólos do curso de Letras/LIBRAS, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha dessa população se deve ao fato de todos terem domínio da

língua de sinais e de haverem passado pelo processo de ensino do português na escola.

Este artigo tem, pois, como objetivo evidenciar algumas das dificuldades mais comuns encontradas no uso de preposições pelos surdos, por meio da identificação de fatores de ordem lingüística implicados no funcionamento dessas preposições. Este estudo poderá contribuir na definição de estratégias metodológicas pelos educadores para o ensino dessa categoria gramatical.

Na seqüência, serão apresentadas uma descrição do funcionamento das preposições em português, a metodologia empregada, a análise dos dados e as considerações finais.

O FUNCIONAMENTO DAS PREPOSIÇÕES EM PORTUGUÊS

As preposições são uma classe gramatical que geralmente oferece certa dificuldade, não só aos falantes de segunda língua, como aos falantes nativos, principalmente, na aprendizagem da escrita. Segundo Salles et al. (2004), isso ocorre devido a dois fatores: a) seu caráter polisêmico, ao estabelecer relações com significados bastante variados, e b) determinados contextos em que essa variedade de significados não é identificada somente pela preposição, mas por um bloco sintático-semântico com outras categorias (substantivo, verbo, advérbio, etc.).

Quanto ao primeiro grupo, vejamos alguns exemplos com a preposição *de*, que carrega diferentes significados, conforme apresentado em (1):

- (1) a. O bebê chorava **de** fome.
(causa)
- b. Esta é a prateleira **de** livros.
(finalidade)
- c. Ele é um senhor **de** 70 anos.
(idade)
- d. Aquele vaso é **de** cerâmica.
(matéria)
- e. Viajei **de** helicóptero.
(meio)
- f. Este é o quarto **de** João.
(posse)

Como ilustração de contextos do segundo caso, em que a preposição não tem um significado isoladamente, mas apresenta um todo sintático-semântico com outras categorias gramaticais, tem-se (2):

- (2) a. A *visita* **de** vocês trouxe alegria.
(substantivo + preposição)
- b. *Gosto* **de** sorvete.
(verbo + preposição)
- c. Ele é *dependente* **de** drogas.
(adjetivo + preposição)
- d. *Depois* **de** amanhã, é meu aniversário.
(advérbio + preposição)

É possível perceber, nas duas situações, que uma mesma preposição apresenta um comportamento distinto no que se refere à sua transparência semântica. Nos exemplos em (1), existe uma carga semântica incidindo sobre a preposição, que pode estabelecer diferentes relações com um alto grau de polissemia. Nos exemplos em (2), a preposição está atrelada a outras classes gramaticais, sendo difícil identificar nela traços de significado.

De acordo com Neves (2000), no primeiro caso, a preposição atua fora do sistema de transitividade das outras categorias e, no segundo,

¹ Na verdade, as relações estabelecidas por preposições no português brasileiro, em muitos casos, são representadas por meio de mecanismos espaciais na língua de sinais (SALLES et al., 2004).

DEBATE

funciona dentro dos respectivos sistemas de transitividade. Esse comportamento sintático está relacionado diretamente ao grau de transparência semântica.

Se considerarmos duas grandes divisões com base na significação, relacionando as preposições com maior/menor grau de transparência semântica, veremos que aquelas que apresentam menor transparência semântica fazem parte do sistema de transitividade, como os exemplos em (3):

- (3) a. Maria *precisa de* ajuda.
(verbo + preposição)
b. Seu *interesse por* carros é uma obsessão.
(substantivo + preposição)

Já as preposições com maior transparência semântica aparecem fora do sistema de transitividade. Elas estabelecem diferentes relações, em distintos contextos sintáticos, ora modificando a ação verbal, como um adjunto adverbial, ora modificando um nome, como um adjunto adnominal. Em (4), é apresentado um exemplo de cada caso:

- (4) a. A fruta caiu *de* podre.
(adjunto adverbial)
b. A missa *de* domingo foi emocionante.
(adjunto adnominal)

Entretanto, existem algumas preposições que também se encontram fora do sistema de transitividade, mas que não apresentam opacidade semântica. Isso ocorre nos casos de expressões gramaticalizadas, que não manifestam traços de polissemia devido ao seu caráter fixo. Exemplos desse grupo são as expressões: *de joelhos, de repente, de propósito, de fato*, etc.

Assim, é necessário considerar os

contextos sintáticos de ocorrência das preposições e sua diversidade semântica ao organizar uma proposta de ensino dessa categoria gramatical para alunos surdos. Segundo Salles et al. (2004), é interessante subdividir a categoria das preposições em três possibilidades de sistematização:

- Os casos em que a preposição apresenta um menor grau de transparência semântica e se encontra em posição de dependência sintática, ou seja, quando ela é parte do sistema de transitividade;
- Os casos em que a preposição apresenta menor grau de transparência semântica e se encontra fora do sistema de transitividade de outras categorias, como nas expressões fixas;
- Os casos em que a preposição se encontra fora do sistema de transitividade e possui maior grau de transparência semântica.

As autoras ainda afirmam que, ao se organizar o material didático dessa forma,

se facilita o ensino das propriedades morfosintáticas e semânticas das preposições, na medida em que se separa fatos lingüísticos de natureza distinta, não se trata a polissemia como se ela fosse um fenômeno constante no emprego das preposições e se evita o excesso de informações quando da explicitação dos elementos dessa categoria. (SALLES, 2004, p. 160)

Em relação ao desempenho de alunos surdos quanto ao uso de preposições, comentamos, a seguir, dois trabalhos de Fernandes (1989, 2003) que abordam essa questão. A autora apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada

com indivíduos surdos, visando o estudo de seu desempenho em língua portuguesa, abrangendo não só as preposições, como também outras categorias gramaticais, além do uso do léxico, do domínio de estruturas sintáticas, entre outros aspectos. Cabe ressaltar que esse estudo foi realizado com adultos surdos de diferentes níveis de escolaridade, a partir da quarta série do ensino fundamental. Outra questão importante é que a autora não levou em consideração a desenvoltura desses informantes em língua de sinais.

Para avaliar o desempenho dos alunos quanto ao uso de preposições, a autora elaborou dois exercícios específicos. O primeiro tinha como objetivo observar se o surdo tem noção do que é preposição. Para tal, era necessário que os alunos completassem os espaços vazios das frases, de acordo com o modelo 'gosto.... de.... você'. Já o segundo exercício fornecia as mesmas frases, só que desta vez com a lista de preposições, para verificar se o desempenho melhorava com as pistas dadas. Como resultado, a autora constatou que em 90% dos informantes analisados ora a pista mostrou-se benéfica, ora os confundiu, de forma que, dependendo da frase, passaram a errar onde anteriormente haviam acertado. Outra questão interessante aconteceu nas frases em que havia a necessidade da contração da preposição com o artigo. A autora verificou que a incidência de acertos foi maior no primeiro exercício (em que não havia pistas), tendo o informante usado, geralmente, a contração de preposição com artigo.

Ao levar em consideração somente o primeiro exercício, Fernandes observou que, "embora alguns se sirvam de preposições, mesmo que

inadequadas, para cumprirem a tarefa, um grande número de informantes parece simplesmente não reconhecer a classe gramatical ou, pelo menos, ignora o modelo dado” (2003, p.108.). Assim, várias frases foram completadas com o uso de substantivos, verbos, advérbios, gerando frases, muitas vezes, agramaticais. De modo geral, a autora afirma que, independentemente dos exercícios preparados especificamente para o estudo das preposições, foi possível verificar o predomínio da inadequação de seu uso pelos informantes surdos. Entretanto, a autora pondera que as dificuldades encontradas não são próprias do surdo, mas de qualquer falante no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Assim, não é a deficiência que provoca o erro, mas a falta de contato constante com a língua. Por outro lado, alguns erros cometidos pelos surdos, de acordo com a autora, são também encontrados em falantes pouco escolarizados. Dessa forma, refletem falhas no processo educativo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com o intuito de verificar o uso de preposições (e sua contração com artigos) por alunos surdos de nível superior. Conforme mencionado anteriormente, a escolha desses indivíduos ocorreu em função de todos já terem passado pelo aprendizado do português durante o ensino fundamental e médio, ou seja, por carregarem uma bagagem maior em relação à

escrita do português, mesmo que suas experiências tenham sido diferentes (métodos de ensino, uso ou não de LIBRAS na sala de aula, presença ou não de intérpretes, etc.). Outro aspecto considerado foi o uso da língua de sinais, pois havia o interesse em investigar se esta poderia exercer alguma influência na dificuldade de uso das preposições, já que elas não fazem parte da estrutura da língua de sinais brasileira. Todos os indivíduos pesquisados são usuários fluentes de LIBRAS. Em virtude desses dois aspectos, foram escolhidos para a análise os alunos do Curso de Letras/LIBRAS, do Pólo de Santa Catarina. Ao todo, participaram da pesquisa quarenta e dois alunos.

A coleta de dados para este trabalho se deu pela aplicação de um teste em que os alunos deveriam completar frases com a preposição adequada. As possibilidades de emprego de preposições e respectivas contrações com artigos estavam dispostas no teste (cf. anexo). Para a elaboração das frases e verificação das diferentes funções atribuídas a cada preposição escolhida para a testagem, foi utilizada como guia a *Gramática de usos do português*, (NEVES, 2000). Dentre as preposições, foram selecionadas aquelas mais comumente utilizadas e também as que costumam apresentar dificuldades para os surdos. São elas: *até, com, de, em, para e por* e suas contrações com artigos, gerando *da, do, na, no, pela e pelo*. Dentre os usos atribuídos a cada preposição, foram selecionados aqueles relacionados à noção de tempo, de espaço e de lugar, expressões cristalizadas e os usos mais comuns de cada uma. Além disso,

foram consideradas variáveis como a posição que a preposição ocupa na frase, a função sintática da estrutura em que aparece e a contração com artigos. Ao todo, foram elaboradas trinta frases, cada uma com apenas uma lacuna para ser preenchida. Tentou-se equilibrar a quantidade de frases com cada preposição, entretanto, algumas preposições tiveram mais frases do que outras, principalmente aquelas que foram combinadas com artigos.

A aplicação do teste foi realizada em um dos encontros presenciais dos alunos do curso de Letras/LIBRAS, com a devida autorização da coordenação do curso e o consentimento dos professores tutores. Os alunos foram informados do que tratava o teste, e todos aqueles que se apresentaram voluntariamente o completaram. No cabeçalho, foram pedidas algumas informações relevantes sobre os alunos: sexo, idade, grau de surdez, tempo de uso de LIBRAS e se a pessoa foi oralizada, ou seja, se passou pelo processo de aprendizagem do português falado, variáveis essas importantes para a questão do uso de preposições.

Para analisar os dados, primeiramente procedeu-se a uma análise quantitativa para a verificação de aspectos mais gerais que pudessem influenciar o uso inadequado de algumas preposições. Assim, verificou-se o número de acertos² de cada participante, quais as preposições que causaram mais dificuldades, que fatores dentre os citados (sexo, idade, grau de surdez, oralização, etc.) influenciaram para um melhor desempenho, etc. Em seguida, foi realizada uma análise

² Para operacionalizar os resultados, trabalhamos com as noções de “acerto” e “inadequação”, tomando como parâmetro a norma culta escrita do português, e também a leitura mais evidente de cada frase para o uso da preposição. Não vamos entrar no mérito das discussões em torno das noções de “certo” e “errado”.

DEBATE

qualitativa dos dados, relacionando as funções com as formas utilizadas pelos alunos pesquisados. A abordagem teórica empregada em toda a pesquisa foi a funcionalista, que considera a linguagem no seu uso e não como um fenômeno isolado. Segundo Neves (2004, p. 15), “trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso”.

ANÁLISE DOS DADOS

Dentre as hipóteses levantadas para o trabalho e que contribuíram para a escolha das sentenças e das preposições durante a elaboração do teste estão: a) os surdos apresentariam dificuldades em identificar os contextos de uso da contração da preposição com o artigo; b) as expressões cristalizadas e usos prototípicos de cada preposição seriam facilmente identificados pelos participantes; c) o processo de oralização, juntamente com o uso da língua brasileira de sinais, poderia contribuir para um melhor desempenho no teste.

A partir do teste, foi feita uma análise quantitativa dos resultados. Todos os alunos pesquisados apresentaram inadequações na escolha da preposição para cada frase. Para visualizar esses dados, os testes dos participantes foram separados em três grupos, de acordo com o número de acertos³: Grupo 1 – de 0 a 10, Grupo 2 – de 11 a 20 e Grupo 3 – de 21 a 30 acertos. Na Tabela 1, a seguir, apresentam-se esses dados.

Tabela 1: Distribuição de alunos por grupo

	Grupo 1 (0 a 10)	Grupo 2 (11 a 20)	Grupo 3 (21 a 30)
Nº de participantes	17 (40,48%)	14 (33,33%)	11 (26,19%)

Apesar de amplos, os dados mostram que o uso de preposições é uma questão complicada para os surdos. A maioria dos alunos apresenta bastante dificuldade em identificar o uso adequado das preposições. No geral, nenhum participante acertou todas as questões, mas também nenhum deles errou todas. Abaixo, na Tabela 2, é mostrada a relação de número de participantes por questão acertada.

Tabela 2: Relação de número de participantes por questões acertadas

N.º de questões acertadas	Quantidade de alunos
1	1 (2,38%)
2	-
3	-
4	2 (4,76%)
5	2 (4,76%)
6	2 (4,76%)
7	-
8	3 (7,14%)
9	2 (4,76%)
10	5 (11,9%)
11	5 (11,9%)
12	1 (2,38%)
13	2 (4,76%)
14	2 (4,76%)
15	-
16	-
17	2 (4,76%)
18	2 (4,76%)
19	-
20	-
21	1 (2,38%)
22	-
23	2 (4,76%)
24	2 (4,76%)
25	2 (4,76%)
26	1 (2,38%)
27	3 (7,14%)
28	-
29	-
30	-

Como é possível verificar, o número máximo de questões acertadas pelos alunos foi vinte e sete, e somente três indivíduos tiveram esse desempenho. Em contrapartida, apenas um aluno acertou somente uma questão. Na média, a menor quantidade de questões corretas ficou entre quatro e seis.

Ao relacionar os dados obtidos nas Tabelas 1 e 2 com algumas variáveis observadas, verifica-se que os alunos com mais dificuldades na realização do teste (considerando aqueles que fazem parte do Grupo 1) são usuários de LIBRAS há mais de dez anos, na maioria pertencem ao sexo masculino e não foram oralizados. O grau de surdez desses indivíduos varia entre severo e profundo. Quanto àqueles que obtiveram maior número de acertos (Grupo 3), todos eles foram oralizados. Suas perdas auditivas variam, também, entre severa e profunda, enquanto as demais variáveis não apresentam informação relevante, ou seja, há equilíbrio entre os sexos

³ Cabe ressaltar que foi considerado também como não acerto o uso inadequado da contração da preposição com o artigo. Ou seja, se uma frase deveria ser completada com *do* e o aluno colocou *de*, não foi considerado acerto. Entretanto, esses casos serão analisados separadamente mais adiante.

e usos de LIBRAS bem variados, que provavelmente não estariam influenciando o uso adequado das preposições.

Com base nesses aspectos, é possível afirmar que a variável mais relevante para um uso adequado/inadequado das preposições é a oralização. Isso porque todos os alunos com maior número de acertos no teste passaram por esse processo, enquanto aqueles que não tiveram um bom desempenho, na sua maioria, não foram oralizados.

Na Tabela 3, apresenta-se uma visão geral da distribuição de alunos por variável considerada⁴, divididos nos três grupos já definidos.

Tabela 3: Distribuição dos alunos para cada variável considerada.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Sexo: Feminino	7 (16,67%)	9 (21,43%)	7 (16,67%)
Masculino	10 (23,81%)	5 (11,9%)	4 (9,52%)
Oralização: Sim	7 (16,67%)	9 (21,43%)	11 (26,19%)
Não	10 (23,81%)	5 (11,9%)	0
LIBRAS: > 10 anos	10 (23,81%)	10 (23,81%)	8 (19,05%)
< 10 anos	7 (16,67%)	4 (9,52%)	3 (7,14%)
Grau Surdez: Leve	0	0	0
Moderado	1 (2,38%)	2 (4,76%)	0
Severo	7 (16,66%)	2 (4,76%)	3 (7,14%)
Profundo	9 (21,43%)	10 (23,81%)	8 (19,05%)

Em relação às preposições testadas, foi possível notar que *por* e sua contração com artigos foi a que mais apresentou dificuldade aos participantes do teste (30 alunos não acertaram o uso dessa preposição). Por outro lado, *para* foi a que menos apresentou problemas (quinze alunos

não identificaram os contextos de uso dessa preposição). Na Tabela 4, esses dados são mostrados com todas as preposições utilizadas e suas devidas contrações com artigos. Assim, os números referem-se à média de alunos que, no teste, erraram as sentenças com uma determinada preposição e ao percentual de erro de acordo com o número total de contextos com a referida preposição.

Tabela 4: Média de alunos e percentual de usos inadequados para cada preposição.

PARA	COM	DE (DA,DO)	EM (NA, NO)	ATÉ	POR (PELO,PELA)
15 (37,5%)	18 (43,33%)	23 (55,16%)	23 (55,16%)	24 (57,14%)	30 (73,21%)

em alguns casos, ao real desempenho dos alunos em relação a cada função atribuída a uma determinada preposição. Em vista disso, passamos a refinar a análise, considerando os desvios de acordo com a função que a preposição desempenha em cada contexto.

Com referência à preposição *por* (esperada nas frases 3, 14, 22 e 29, nas formas *pela*, *pelelo*, *por* e *por*, res-

pectivamente), o grande número de inadequações não ocorreu devido à complexidade morfológica da contração dessa preposição com um artigo, como se poderia esperar. Em duas das ocorrências houve a substituição por uma outra preposição pela maioria dos alunos. No caso da sentença 3, vinte alunos a completaram com a preposição *até*.

- (3) A festa ficou animada lá _____ meia-noite.
 Já na sentença 22, a substituição de maior ocorrência foi por *em*.
- (22) _____ alguns minutos, ele ficou sem saber qual caminho seguir.

Para as outras duas sentenças, 14 e 29, não houve preferência por uma preposição específica, sendo que várias opções do quadro foram utilizadas pelos alunos.

⁴ A variável *idade* não foi colocada nessa tabela, pois não se mostrou relevante. A idade de todos os participantes de cada grupo é bem variada, não tendo influência no desempenho do teste.

DEBATE

- (14) João estava cansado _____ esforço que fez carregando as malas.
- (29) Tropecei e caí _____ joelhos no chão da sala.

Como se pode perceber, as quatro sentenças do teste são bastante complexas, e os alunos demonstraram dificuldade em compreendê-las. As substituições ocorridas nas sentenças 3 e 22 podem ser facilmente entendidas. Esses contextos revelam sutilezas da língua portuguesa que podem ser difíceis de perceber por quem não é falante nativo. Em duas sentenças, a função da preposição indica *tempo*, e as substituições feitas também apresentam a mesma função, mas com sentido diferente. Na sentença 3, a preposição *por* (pela) indica o início do período em que a festa ficou animada, e a preposição *até*, utilizada pela maioria dos alunos, indica o tempo máximo (limite) em que a festa esteve animada, ou seja, até a meia-noite. Por outro lado, na sentença 22, a preposição *por* indica o período de tempo em que algo aconteceu. Já a preposição *em*, utilizada pelos alunos, dá a idéia de que algo vai acontecer daqui a um determinado período de tempo.

Quanto ao uso da preposição *até* (esperada nas frases 12, 19, 23 e 26), as substituições dos alunos foram coerentes no que se refere à preposição escolhida. Em três das quatro sentenças com *até* (12, 19 e 23), houve a preferência pelo uso de *para* pela maioria dos alunos.

- (12) Durante a enchente, a água subiu _____ a entrada da garagem.
- (19) O detetive seguiu a mulher _____ a entrada do shopping.
- (23) Procurei _____ encontrar um lugar seguro para me abrigar da chuva.
- Somente em uma questão (sen-

tença 26), não houve a ocorrência de *para* entre as respostas, e várias outras preposições foram escolhidas.

- (26) Tenho _____ hoje a lembrança de uma infância feliz.

Entretanto, não é possível, em um primeiro momento, identificar a motivação que levou os alunos a estabelecerem uma relação entre a preposição esperada *até* e aquela preferida por eles: *para*.

A preposição que apresentou um dos menores índices de desvio para os alunos foi *com* (esperada nas frases 6, 7, 9, 15 e 24). O seu uso mais comum, como o prototípico *com*, equivalente a companhia, e a expressão cristalizada *estar com fome* (sentença com o maior número de acertos de todo o teste), mostraram ser familiares aos alunos, pois estes cometeram poucos erros (dez e seis, respectivamente).

- (24) Saí _____ amigos ontem à noite, mas não me diverti.
- (15) Maria sempre está _____ fome quando chega da escola.

As maiores dificuldades com essa preposição ocorreram em usos mais específicos e menos freqüentes, como em posição inicial de sentença, indicando tempo; como adjunto adverbial de causa e de lugar (sentenças 9, 6 e 7, respectivamente).

- (9) _____ cinco dias de vida, o bebê já sorria para sua mãe.
- (6) A senhora ficou aflita _____ os latidos do cachorro do vizinho.
- (7) Apesar da falta de sol, ela se alegrou _____ a vista da praia.

No que se refere à preposição *de* (esperada nas sentenças 5, 10, 11, 18, 21, 28 e 30, nas formas *do*, *de*, *do*, *da*, *de*, *de* e *de*, respectivamente), o compor-

tamento dos alunos oscilou bastante, ora demonstrando facilidade em compreender seu uso, ora dificuldade em completar a sentença adequadamente. Em relação às sentenças com maior acerto por parte dos alunos – 18 e 10, respectivamente –, foi possível observar que se trata de usos prototípicos, como a preposição *de* indicando posse e a expressão cristalizada *de repente*.

- (18) O carro _____ minha irmã foi roubado ontem.
- (10) _____ repente, vi um homem se aproximando do carro e fiquei assustada.

Já as sentenças com maior número de respostas inadequadas – 11 e 5, respectivamente – referem-se a casos bem distintos. Quanto à sentença 5, o uso é bastante comum, ou seja, a preposição *de* introduz um complemento do verbo (o objeto indireto da sentença). A dificuldade maior não se situa na preposição em si, mas na sua contração com o artigo *o*. A maioria dos alunos que errou a sentença (trinta alunos), na verdade, utilizou *de* em vez de *do*, ou seja, soube escolher a preposição adequada, mas se equivocou ao não utilizar a contração com o artigo *o*. Já a sentença 11, complexa, em que a preposição *de*, junto com o artigo *o*, funciona fora do sistema de transitividade, introduzindo uma expressão adverbial que indica *lugar de onde*, foi a sentença que apresentou o maior número de desvios de todo o teste. A maioria dos alunos optou pela contração *no* (em + o), que expressa uma localização no espaço.

- (5) A menina gosta _____ perfume das flores.
- (11) _____ alto da árvore, avistei o jardim florido.

Na sentença 21, a preposição *de*, que introduz um adjunto adnominal

(indicando o material de que era feito o objeto em questão), foi amplamente substituída pela preposição *com*, podendo estabelecer uma relação semântica de caracterização de um objeto de acordo com o material de que ele é feito. Efetuada essa substituição, conforme representado abaixo, pode-se observar que a sentença não fica agramatical, porém, não costuma ser utilizada por falantes nativos do português:

- (21) a. Os noivos compraram um lindo anel **de** ouro e diamantes.
b. Os noivos compraram um lindo anel **com** ouro e diamantes.

Apesar de não utilizarem a preposição mais adequada para esse caso, não é possível dizer que os alunos não entenderam o significado da sentença. De certa forma, eles conseguiram captar o sentido da frase.

Nas sentenças 28 e 30, registrou-se um desempenho parecido, apesar de a função da preposição *de* ser bem diferente nos dois casos.

- (28) Tropecei e caí _____ joelhos no chão da sala.
(30) Viajar _____ avião é necessário quando queremos chegar rapidamente em algum lugar.

A maioria dos alunos que deixou de acertar essas questões optou pelas preposições *com*, *do* ou *no*. As demais sentenças com a preposição *de* não seguiram um padrão específico de desempenho pelos alunos.

A preposição *para* (esperada nas sentenças 2, 20, 25 e 27) foi a que menos problemas trouxe aos alunos. As sentenças 2 e 27 apresentaram casos bem típicos de uso, como o prototípico, que introduz um adjunto adverbial de finalidade, e a expressão cristalizada *para sempre*. O desempenho dos alunos nessas questões foi muito bom: trinta e três e trinta e

Os resultados indicam que as preposições são elementos que geram bastante dificuldade para os surdos. Na sua maioria, os informantes tiveram um desempenho pouco satisfatório, considerando-se que se trata de informantes que estão cursando o nível superior.

dois acertos, respectivamente.

- (2) A empresa construiu um novo prédio _____ melhorar seu atendimento aos clientes.
(27) Todo mundo diz que a verdadeira amizade dura _____ sempre.

Já em relação às outras duas sentenças, em que essa preposição introduz o complemento do verbo indicando *movimento em direção a e deslocamento* (sentenças 20 e 25, respectivamente), os alunos tiveram um desempenho razoável, e seus deslizes foram bem distintos quanto à escolha das preposições. Na sentença 20, as principais preposições escolhidas para preencher a lacuna foram *com* e *pelo*, o que torna a frase agramatical. Não é possível imaginar uma motivação para tais escolhas.

- (20) Olhamos _____ o lado, mas não vimos ninguém chegando.

Em contrapartida, na sentença (25) é possível compreender a escolha da preposição pelos alunos. A maioria deles usou as preposições *até* e *em* para completar a sentença e, nos dois casos, não é possível dizer que a sentença tenha-se tornado agramatical, pois as preposições em questão também conseguem transmitir a idéia de deslocamento, dando sentido à sentença, conforme apresentado a seguir:

- (25) a. Saí de Salvador e fui **para** Recife.

- b. Saí de Salvador e fui **até** Recife.
c. Saí de Salvador e fui **em** Recife.

Nesse caso, os alunos também conseguiram demonstrar que entenderam o sentido da frase, apesar de a escolha da preposição não corresponder à expectativa.

Para finalizar, a preposição *em* (esperada nas sentenças 1, 4, 8, 13, 16 e 17, nas formas *em*, *em*, *na*, *em*, *em* e *no*, respectivamente) provocou dificuldades em muitos alunos, mas não ligadas à contração com artigos. Das seis sentenças com essa preposição, em nenhum caso houve uso equivocado da preposição e sua contração com artigo. Os desvios foram bem distintos e alguns bem interessantes em função da associação feita pelos alunos. Na sentença 4, boa parte dos alunos substituiu a preposição *em* na expressão *não vai dar em nada*, por *de* e *por*, gerando as expressões *de nada* e *por nada*, que são uso corriqueiro.

- (4) A greve dos trabalhadores não vai dar _____ nada mais uma vez.

Na sentença 16, a maioria dos alunos utilizou a preposição *até*, que também indica tempo, mas não dá o sentido que a frase requer.

- (16) Não se preocupe, pois estarei aí _____ duas horas.

DEBATE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que as preposições são elementos que geram bastante dificuldade para os surdos. Na sua maioria, os informantes tiveram um desempenho pouco satisfatório, considerando-se que se trata de informantes que estão cursando o nível superior. Isso é um indicativo de que a classe gramatical das preposições é complexa para falantes de segunda língua, mesmo com o longo processo de aprendizagem pelo qual todos passaram (ensino fundamental e médio). Não obstante o fato de a língua portuguesa ser ensinada, na escola, como primeira língua para os surdos. Os dados obtidos nesta pesquisa vão ao encontro, também, daqueles encontrados por FERNANDES (1989, 2003), em que os surdos apresentaram, no geral, um uso inadequado das preposições, mesmo que neste último os informantes testados tenham níveis diferentes de escolaridade.

Embora o uso da LIBRAS não tenha sido considerado nos trabalhos de Fernandes, pode-se pensar que esse uso pode estar influenciando o desempenho dos surdos, visto que, na língua de sinais, a categoria gramatical em questão não é observada. A função

das preposições é representada por outras relações gramaticais, como a incorporação por outras classes gramaticais e, também, por meio de mecanismos espaciais. Dessa forma, as relações semânticas menos transparentes estabelecidas pelas preposições não são percebidas pelos surdos, assim como os contextos sintáticos também não o são, havendo uma sobreposição da língua de sinais em relação à língua portuguesa.

Conforme descrito na análise dos resultados, as sentenças com usos prototípicos de cada preposição, como também as expressões cristalizadas, foram aquelas com maior número de acertos, evidenciando que os participantes reconhecem tais usos e com eles estão familiarizados. Os mais comuns incluem sentenças em que a preposição adequada apresenta uma transparência semântica maior. Outra questão observada é com relação à posição que a preposição ocupa na sentença. Percebeu-se que as sentenças iniciadas por preposição foram mais difíceis para os surdos, salvo aquelas que apresentavam expressões cristalizadas, pois estas eram vistas como um único bloco semântico.

Um aspecto interessante observado no teste é a contração das preposições com os artigos. Das dezessete possibilidades desse uso, somente em seis

o emprego inadequado da contração ou da preposição isolada foi a causa dos equívocos dos alunos. Nas demais situações, os desvios foram motivados por outras preposições. Observou-se, também, que algumas substituições de preposições não foram aleatórias, mas motivadas pelo mesmo contexto semântico de uso, embora gerassem uma interpretação diferente para a sentença, muitas vezes, tornando-a agramatical.

Quanto às variáveis investigadas na pesquisa, observou-se que a oralização foi a única que realmente deu indícios de influenciar os alunos no seu desempenho no teste. O fato de passarem por esse processo terapêutico possibilitou-lhes um maior domínio da língua portuguesa e, conseqüentemente, um melhor uso das preposições no teste. Entretanto, para se poder sustentar essa afirmação, seria necessário observar o desempenho desses alunos quanto ao uso das preposições na sua produção escrita.

Muitos outros aspectos poderiam ser também investigados com os dados coletados, assim como algumas outras questões poderiam ser aprofundadas. Entretanto, este trabalho tem como objetivo principal levantar algumas questões para reflexão, principalmente quanto ao ensino de português para os surdos.

Referências Bibliográficas

- FERNANDES, Eulália. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: AGIR, 1989.
- _____. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, 2004, vol. 2.

Anexo

Dados do participante da pesquisa:

Idade: _____ Sexo: () F () M

Você foi oralizado(a)? () Sim () Não

Há quanto tempo você usa LIBRAS? _____

Qual é o seu grau de surdez? () Leve () Moderado () Severo () Profundo

Escolha uma das palavras do quadro abaixo para completar as frases (você pode usar cada palavra mais de uma vez):

ATÉ – COM – DA – DE – DO – EM – NA – NO – PARA – POR – PELO – PELA

A discussão logo se transformou EM briga.

1. A empresa construiu um novo prédio PARA melhorar seu atendimento aos clientes.
2. A festa ficou animada lá PELA meia-noite.
3. A greve dos trabalhadores não vai dar EM nada mais uma vez.
4. A menina gosta DO perfume das flores.
5. A senhora ficou aflita COM os latidos do cachorro do vizinho.
6. Apesar da falta de sol, ela se alegrou COM a vista da praia.
7. As moças se debruçavam NA janela quando ouviam os rapazes passando.
8. COM cinco dias de vida, o bebê já sorria para sua mãe.
9. DE repente, vi um homem se aproximando do carro e fiquei assustada.
10. DO alto da árvore, avistei o jardim florido.
11. Durante a enchente, a água subiu ATÉ a entrada da garagem.
12. Guardaram o presente EM um lugar difícil de encontrar.
13. João estava cansado PELO esforço que fez carregando as malas.
14. Maria sempre está COM fome quando chega da escola.
15. Não se preocupe, pois estarei aí EM duas horas.
16. NO ano em que terminou a faculdade, ele ganhou um carro novo.
17. O carro DA minha irmã foi roubado ontem.
18. O detetive seguiu a mulher ATÉ a entrada do shopping.
19. Olhamos PARA o lado, mas não vimos ninguém chegando.
20. Os noivos compraram um lindo anel DE ouro e diamantes.
21. POR alguns minutos, ele ficou sem saber qual caminho seguir.
22. Procurei ATÉ encontrar um lugar seguro para me abrigar da chuva.
23. Saí COM amigos ontem à noite, mas não me diverti.
24. Saí de Salvador e fui PARA Recife aproveitar minhas férias.
25. Tenho ATÉ hoje a lembrança de uma infância feliz.
26. Todo mundo diz que a verdadeira amizade dura PARA sempre.
27. Tropecei e caí DE joelhos no chão da sala.
28. Vá até o quintal, mas não passe POR perto do canil, pois o cachorro é feroz.
29. Viajar DE avião é necessário quando queremos chegar rapidamente em algum lugar.